



**MISCELÂNEA**

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.9, jan./jun.2011



## **DE AGOMAR PENICHE A DIONÍSIO: O ESTILHAÇAMENTO DO HERÓI EM *OS ESPÍOES*, DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO**

From Agomar Peniche to Dionysus: the shattering of the hero in *Os espíões*, by Luis  
Fernando Veríssimo

Letícia de Souza Gonçalves  
(Doutoranda — UNESP)

### **RESUMO**

O romance *Os Espíões* (2009), de Luis Fernando Verissimo, ilustra o homem contemporâneo desfixado e transeunte entre a realidade e a utopia, e, por conseguinte, é a expressão do diálogo contínuo entre espaço interior e exterior. Considerando a solidão e frustração do anônimo protagonista em meio à sua frugal rotina interrompida pelo fio da mitologia, este trabalho visa a analisar a referida obra, no que se refere à trajetória desse personagem-narrador, abordando questões mitológicas e simbólicas envolvidas em sua bipolaridade, e conceitos sobre a poética do espaço de Gaston Bachelard.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Os Espíões*; Poética do espaço; Exílio; Simbologia.

### **ABSTRACT**

The novel *Os Espíões*, by Luis Fernando Verissimo, illustrates the contemporary human being unfixed and transited between reality and utopia, and, therefore it is the expression of continued dialogue between interior and exterior. Considering the loneliness and frustration of the anonymous protagonist in his frugal routine interrupted by the line of mythology, this paper analyzes such book, in relation to the trajectory of this character-narrator, addressing mythological issues and symbolic aspects of his bipolarity, and concepts on the poetics of setting, by Gaston Bachelard.

### **KEYWORDS**

*Os Espíões*; Poetics of setting; Exile; Symbolism.

*Primeiro capítulo, primeira cena, dois pontos: um pântano sulfuroso, um lago de lamúrias, onde certo dia pousou um envelope branco como um pássaro perdido.*

Luis Fernando Veríssimo

## Introdução

**P**ensar no exílio como ato de introspecção é refletir acerca da condição humana em tempos contemporâneos, cujas ambições se renovam a cada inovação tecnológica e laços sociais estreitam-se ao mesmo tempo em que se enfraquecem. Em uma época regida pela velocidade da informação e pela portabilidade, é comum encontrarmos seres sobrevivendo em meio aos caos promovido pela prática abusiva dos verbos “adquirir”, “poder” e “possuir”. Disso resultam profissionais frustrados, maridos e esposas infiéis, filhos forçosamente independentes e indivíduos desfixados tanto em seu ambiente físico, quanto psicológico.

Inserido em tal turbilhão social do qual o homem é tão culpado quanto vítima, está o protagonista do último romance de Luis Fernando Verissimo, *Os Espiões*. Formado em Letras e empregado de uma editora de Porto Alegre, esse personagem-narrador é a síntese bem humorada do homem depressivo e problemático dos tempos atuais. Ao invés de exercer sua função na família composta de esposa e filho, ele anula-se gradativamente, mantendo diálogo sem voz com seu cão Black. Um envelope branco sobre a sua mesa é o ponto de partida para a sua suposta redenção e salvação, iniciando aí um processo de “deslumbramento” e de resgate da identidade perdida.

Uma moça da cidade fictícia de Frondosa o encanta de tal maneira que, não somente sua obra literária é capaz de lhe render lucros, mas também sua figura mítica pode iluminar o cotidiano tão real em que sobrevive. Um toque de fantasia e imaginação é o que proporciona uma dose de ficção em sua

realidade, gerando a conversão momentânea do camaleão perfeito em um Dionísio às avessas.

Considerando tais apontamentos, este trabalho objetiva realizar um estudo acerca da condição desse personagem-narrador, no que se refere ao espaço geográfico por ele transitado, aos elementos simbólicos relacionados às cidades de Porto Alegre e Frondosa e, por conseguinte, à construção da utopia decorrente do diálogo entre a excentricidade do ser e o ambiente imaginado por ele. Para tanto, utilizamos conceitos da mitologia grega, a fim de cruzarmos histórias atemporais com saberes universais, e a teoria do espaço de Gaston Bachelard, com o propósito de compreender a multiplicidade espacial inerente do ser humano e a maneira como é expressa no meio literário.

Em vista disso, abordamos o espaço físico do personagem-narrador como reflexo de seu psicológico, considerando tal dialética do exterior e do interior. É nessa experiência cíclica que o homem, inserido no mundo dos discursos e comportamentos, aglutina imaginação e realidade até desaparecerem as fronteiras entre ser e estar. Ser o espaço e estar nele tornam-se ocorrências simultâneas e indissociáveis em um processo circular de constante retorno e elasticidade.

Sendo assim, este trabalho está subdividido em duas partes, sendo a primeira relativa à fase obscura do protagonista em Porto Alegre, onde ele desaparece contra o fundo, camuflando-se no ambiente da ausência exterior e interior. A segunda, por sua vez, aponta a dicotomia de Ariadne, o movimento catártico do protagonista e a realidade fictícia de Frondosa.

### **Morto-vivo em um lago de lamúrias**

Um editor anônimo, frustrado e desiludido, narrador de um fato marcante destacado em sua frugal rotina diária: essa é a breve descrição do protagonista do romance *Os Espiões*, de Luis Fernando Verissimo. Descrente de sua família, de seu trabalho, de seu futuro e de seus relacionamentos afetivos, o protagonista decide narrar uma aventura fracassada, bem como sua vida,

ressaltando um episódio extraordinário, a fim de reconciliar-se consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Uma suposta reconciliação é a justificativa plausível para nós leitores caminharmos juntamente com ele, adentrando inconscientemente nesse universo literário labiríntico que Ariadne iniciou.

O personagem narrador utiliza o fio de Ariadne com o intuito de prender o leitor à sua narração, ao mesmo tempo em que é transportado para um mundo paralelo e fictício de uma história fragmentada em capítulos enviada por uma “amiga” da escritora, ambas residentes na cidade de Frondosa. Logo, têm-se inúmeros fios interligados envolvendo a narrativa, ou seja, o cerne da estrutura narrativa do gênero de espionagem, em que um acontecimento repleto de interrogações iniciais soluciona-se com o decorrer do processo de investigação, apresenta-se no plano do conteúdo, do enredo, da história. No plano da expressão, por sua vez, apresentam-se estratégias discursivas que estão relacionadas com a recepção da história. Portanto, existem os fios internos originados de Ariadne de Frondosa e os fios externos advindos do próprio narrador em recontar sua aventura mítica e literária.

É por meio de tal técnica metalinguística que Luis Fernando Verissimo constrói *Os Espiões*, duas histórias ligadas pelo mesmo fio do suspense e da espionagem em que o narrador, ora espião frio e calculista, ora vítima sensível e solitária, articula seu discurso sob uma perspectiva tão limitada quanto a do leitor que o acompanha. A fronteira entre Porto Alegre e a pequena cidade fictícia Frondosa é o espaço de transição e incerteza onde se encontra o anônimo protagonista admirador de John Le Carré que, imperceptível na vida social, envolve-se pela luz da coroa estrelar de Ariadne e pela responsabilidade em ser o chefe da denominada “operação Teseu”.

Casado com Julinha e pai de João, de doze anos, o protagonista transita por ambientes obscuros da capital do Rio Grande do Sul, onde todos os lugares parecem reafirmar a sina declarada do seu fracasso. Primeiramente, casou-se porque Julinha estava grávida, o que demonstra cumprimento de uma meta moral familiar e social e descaso perante um futuro relacionamento. Sua esposa

e seu filho não representam figuras relevantes nesse processo íntimo de descoberta do ser; exercem apenas papéis sociais que, no decorrer da narrativa, esvaem-se até que perdem por completo sua imagem. Em segundo lugar, consequência do referido abandono familiar, está a busca pela companhia afetiva em seu cão de nome sugestivo, Black. É nele que o personagem narrador supre a ausência humana familiar em sua casa e é com ele que estabelece comunicação, mesmo que seja sem voz. O privilégio do cão, em detrimento dos seres humanos, no ambiente da casa, expressa a solidão do protagonista em um sentido que abrange os demais ambientes frequentados por ele, uma vez que a casa é o espaço representativo da intimidade e do alojamento tanto das lembranças como dos esquecimentos.

Sendo o lar único e original, a casa nos sintetiza, nos configura, nos representa e nos relembra constantemente que somos resultado daqueles elementos positivos e/ou negativos circundantes no espaço e nos indivíduos que, porventura, nela habitam. Frequentador assíduo do bar do Espanhol aos finais de semana, o personagem declara não saber como chega à própria casa nas madrugadas de sexta-feira e de domingo, demonstrando indiferença com relação à família que, por sua vez, também o despreza.

Passo os domingos dormindo. A Julinha e o João iam almoçar na casa da irmã dela. Ficávamos só eu e o cachorro, o Black. A doce Julinha com quem me casei porque estava grávida desapareceu dentro de uma mulher gorda e amarga do mesmo nome e nunca mais foi vista. Aos domingos ele só deixava comida para o cachorro. Se eu quisesse comer, precisava negociar com o Black. Ela não falava mais comigo. O João estava com 12 anos e também não falava mais comigo. Só quem falava comigo era o Black. Pelo menos seu olhar parecia dizer “Eu entendo, eu entendo”. (VERISSIMO, 2009, p.11–12)

A companhia familiar é substituída pelas madrugadas ao redor de amigos exóticos e de caráter duvidoso, degustando as mais variadas doses alcoólicas. Enquanto em sua casa o personagem mantém uma comunicação indireta unicamente com seu cão, no bar ele participa de conversas sobre múltiplos assuntos que vão desde a “condição humana e o Universo” (VERISSIMO, 2009, p.11) até os clássicos da literatura e regras gramaticais da língua portuguesa.

Tal déficit humano em sua casa é transferido à sua personalidade fechada e obscura, pois, à medida que esposa e filho o ignoram, seu cão é o elemento mediador do seu entre-lugar, ou seja, é o ponto de inversão entre exterior e interior, onde “o espírito perdeu sua pátria geométrica e a alma flutua” (BACHELARD, 2008, p.221).

Com a investigação pormenorizada da vida e obra de Ariadne, suas noites boêmias logo perdem sua raiz ébria, transformando-se em noites para sérias discussões de organização da misteriosa “operação Teseu”. O personagem entrega-se ao caso Ariadne com tamanha seriedade que sua atmosfera do ser adquire alavancas morais para saltar desse exílio psicológico em que se encontra. Somente seu cão Black nota essa transição como se vê no excerto a seguir:

Fui cedo e sóbrio para casa, apesar de ser uma sexta-feira. Para grande desconcerto do Black, que já desistira de entender as mudanças na minha rotina. Vi nos seus olhos que ele queria dizer “Não estou mais te entendendo, cara”. [...] O Black que se acostumasse com as minhas novas responsabilidades. (VERISSIMO, 2009, p.51)

O início da “Operação Teseu” passa a ser sua nova responsabilidade e seu motivo principal para a mudança de ambiente. Em vista disso, o amigo e conselheiro Black não o compreende mais, já que o fio de Ariadne conduz gradativamente o protagonista à luz, distanciando-o do que o mantinha na escuridão. Nesse limite entre o negativo e o positivo, entre o exterior e o interior, o cão personifica a frustração do protagonista como marido, pai, profissional e companheiro de bar, permanecendo como uma sombra, tanto em seu espaço físico representado pela metrópole Porto Alegre, quanto em seu espaço psicológico composto de indícios mitológicos de uma Ariadne em apuros.

Como foi mencionado anteriormente, na casa alojam-se as lembranças e os esquecimentos do indivíduo. Considerando a frustração do personagem, é pertinente afirmar que o rol de esquecimentos prevalece perante o das lembranças, uma vez que momentos de consciência — como seu trabalho, por

exemplo — forçosamente anulam-se em decorrência da almejada fuga conquistada por meio dos inúmeros chopes e cachaças, que ele denomina seu “tobogã para a bendita inconsciência” (VERISSIMO, 2009, p.32).

Concluindo que os eventos ocorridos em seu insosso cotidiano não lhe trazem satisfação alguma e que a inconsciência proporciona-lhe o retorno ao seu próprio ser, ele já inicia sua narração com a frase: “Formei-me em Letras e na bebida busco esquecer” (VERISSIMO, 2009, p.7). Sendo assim, sua casa e, por conseguinte, os diálogos com o Black reafirmam a desilusão profissional do espaço da editora e, no entanto, acolhem o ébrio inconsciente do espaço do bar do Espanhol.

É nesse trânsito emocional entre as consciências e inconsciências que ele se vê solitário, principalmente naquele espaço onde se originam e se encerram os elementos constitutivos do ser. Assim, tanto em sua casa, como no ambiente de trabalho, sua imagem mescla-se ao espaço, configurando um único pano de fundo homogêneo e sem vida. À medida que a escuridão e a ausência de sua casa e o tédio da editora configuram os dias do protagonista, o mesmo incorpora tais sentimentos, camuflando-se ao espaço físico e aderindo, mesmo que de maneira inconsciente, à amargura do espaço psicológico. O movimento contínuo de contração e expansão rege o acontecimento da vida do anônimo editor, transformando-o em exemplo de “condensação que se dispersa explodindo e dispersão que reflui para um centro” (BACHELARD, 2008, p.221).

Nesse constante diálogo dele com seu espaço, tem-se o símbolo-chave da narrativa, representado pela figura do camaleão. Devido à capacidade do réptil de mudar de cor, sua simbologia divide-se em sentido diurno e noturno, de acordo com o *Dicionário de Símbolos* (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p.170–171). No primeiro caso, o camaleão representa um ser sociável e de fácil adaptação, capaz de estabelecer uma relação agradável seja com quem for. No sentido noturno, por sua vez, sua simbologia denota um ser hipócrita, volúvel, mutável e versátil, “ao sabor dos interesses sórdidos e dos acordos inconfessáveis”. Sua característica física de não apoiar as patas no chão,

apenas uma de cada vez e sem pressa, indica prudência, calma e precaução, ou seja, representa um homem que “explora os lugares e verifica tudo antes de dar o primeiro passo, antes de opinar e de tomar uma decisão”. Em virtude da duplicidade de sentido — diurno e noturno — o camaleão apresenta a bipolaridade “que reúne os poderes e os fracassos”.

Em *Os Espiões*, o protagonista compara-se ao réptil, declarando exercer tarefas que não lhe agradam em seu trabalho, não receber o mérito por isso e, portanto, desaparecer contra o fundo:

Minha primeira tarefa na editora foi copiar um texto sobre camaleões de uma enciclopédia, para incluir no almanaque. Escolha profética: o camaleão é um bicho que se adapta a qualquer circunstância e desaparece contra o fundo. Desde então é isso que eu faço. Leio originais. Escrevo cartas. Redijo quase todo o almanaque para ajudar a vender adubo. Me lamento e bebo. E, lentamente, desapareço contra o fundo. (VERISSIMO, 2009, p.9)

A profecia está em adentrar na rotina profissional da editora já pressupondo sua anulação e insatisfação e, dessa forma, tomar os aspectos camaleônicos para si próprio. Após narrar os acontecimentos em Frondosa, relatando seu desfecho trágico e ao mesmo tempo irônico, o personagem conclui sua história e confessa sua incessante busca pelo “camaleão perfeito”, pelo desaparecimento sem vestígios, pelo disfarce sem culpa, pela alma sem corpo:

E tento me convencer de que já domino a arte de desaparecer contra o fundo para não ser visto ou lembrado. Sei que o teste será quando a Corina entrar pela porta com seu livro de 400 páginas para atirar na minha cabeça. E ela entrará. Cedo ou tarde, ela entrará. Se me enxergar, será porque ainda não sou um camaleão perfeito. (VERISSIMO, 2009, p.142)

Sua presença na editora é válida unicamente como depósito de insatisfações alheias, uma vez que será notada na medida em que algo físico lhe atingir, como o livro da novata escritora Corina. O teste do camaleão perfeito confirma o fato de que ele inicia sua trajetória narrativa — primeiro excerto — com uma “profecia” que finalmente se cumpriu no decorrer dos dias



trabalhados na editora, e a encerra — segundo excerto — com um “convencimento” de que, na verdade, a realidade é cruel e tudo não passou de uma fantasia mitológica.

Logo, o editor, marido e amigo “camaleão” transitam entre os aspectos do símbolo de maneira a tornar-se, embora não assumindo, um “camaleão perfeito”. Nele, encontram-se os poderes e os fracassos, compondo a bipolaridade diurna e noturna dos espaços físico e psicológico. Ora o personagem mergulha no abismo da inconsciência a fim de exilar-se de seu próprio eu, ora ele aponta estratégias para sua auto-salvação com um futuro ao lado de Ariadne. Ele é um indivíduo desfixado em constante mutação, não somente espacial, mas também psicológica, de modo que, como afirma Bachelard (2008, p.217), “no ser, tudo é circuito, tudo é rodeio, retorno, discurso, tudo é rosário de permanências, tudo é refrão de estrofes sem fim”.

Nessa circularidade infinita, estão todos os personagens que, embora “fixados” em um espaço geográfico relativamente delimitado, formado pela rota Porto Alegre–Fronrosa, expressam o estilhaçamento do herói contemporâneo e sintetizam o descontentamento psicológico perante uma vida social cada vez mais incompleta. Ser desfixado e errante em seu próprio ambiente remete-nos ao fato de que o protagonista não possui identidade, ou seja, não revela seu verdadeiro nome. Por coordenar uma operação secreta aos moldes de seu ídolo literário Le Carré, ele mantém seu nome em sigilo tanto no nível intra-narrativo como no extra-narrativo, uma vez que, respectivamente, os habitantes de Fronrosa desconhecem a identidade daquele homem recém chegado à cidade em que todos se conhecem, e o leitor de *Os Espiões* desconhece o real caráter desse personagem-narrador repleto de frustrações.

Ao enviar uma carta à Ariadne, demonstrando interesse editorial em seu livro, o personagem utiliza, “sem saber por quê”, um pseudônimo, passando a ser Agomar Peniche. Tem-se aí o “camaleão perfeito” no qual ele tanto almeja transformar-se. O personagem cria uma identidade fictícia a fim de adentrar em sua ficção particular que, no entanto, não deixa de representar o íntimo de seu

ser. A falsidade da sua identidade permite-lhe saborear os mistérios da espionagem, no sentido pitoresco da narrativa, para enfim, desaparecer contra o fundo. Em um jogo de sílabas, Agomar é também “amargo”, expressando o estilo de vida do protagonista.

O aspecto camaleônico também se manifesta de maneira sutil no personagem Fúlvio Edmar. Enquanto o narrador e seus companheiros de bar organizam a “operação Teseu”, um indivíduo lúgubre com olhar de réptil os espreita discretamente no canto do recinto, despertando a curiosidade de todos. Vejamos como o personagem-narrador o descreve:

E eu começara a notar uma nova presença constante no bar, a de um moço de olhos fundos e aspecto lúgubre que se sentava a uma mesa sozinho, de lado, com as costas apoiadas na parede, e ficava olhando na minha direção sem piscar, bebendo uma interminável água mineral. Tínhamos tentado atraí-lo para a nossa enquete.

— Conhece Frondosa?

Mas ele ficava em silêncio e desviara o olhar, antes de voltar e me fitar com uma intensidade de réptil. (VERISSIMO, 2009, p.27)

Este homem exótico e misterioso sinaliza sua presença no bar sempre com aspecto lúgubre e olhar de réptil, até que troca de mesa, se aproxima do grupo e se introduz na combinação com a frase “Mas tem loja de vídeo” (VERISSIMO, 2009, p.40), frase esta relacionada à legenda criada por Dubin a fim de não provocar suspeitas em Frondosa. Alguns encontros depois, tal homem participa da conspiração com destreza, revelando ser o escritor Fúlvio Edmar cujo livro *Astrologia e Amor*, publicado pela editora tempos antes, não lhe havia rendido os direitos prometidos.

Sua passagem pelo grupo é relevante ao andamento da “operação Teseu”, uma vez que simboliza o elo entre a editora e Ariadne. O desfecho trágico de Fúlvio e Ariadne figura a própria redenção do primeiro e o retorno do protagonista à sua realidade camaleônica. Fúlvio representa o que o narrador anônimo almeja atingir, isto é, uma aproximação de Ariadne, um livro de sucesso e um lugar de destaque, mesmo que seja em nota de falecimento por assassinato. O homem lúgubre de olhar de réptil permanece na escuridão

precavida típica do camaleão durante sua estada em Porto Alegre e, no entanto, adquire luz astrológica, fama e identidade em Frondosa. Logo, tanto o fictício Agomar Peniche quanto o real Fúlvio Edmar configuram os lados de uma mesma moeda que tem a bipolaridade do camaleão como figura chave.

### **Dionísio e o pássaro perdido**

Uma cidade fictícia localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul é o cenário para a espionagem atrapalhada de um grupo de quatro amigos de bar, que são o personagem-narrador anônimo, o professor Fortuna, o revisor e também professor Joel Dubin e o escritor Fúlvio Edmar. Frondosa possui menos de 50 mil habitantes e ocupa o centro de uma espécie de anomalia geológica decorrente de um possível vulcão que ali existia muito tempo antes. Segundo o narrador, a cidade “ficava numa zona de soja e trigo, mas a fábrica Galotto era responsável por quase metade dos empregos diretos e indiretos na região” (VERISSIMO, 2009, p.31).

Luis Fernando Verissimo constrói uma cidade tipicamente de interior, acrescentando nela figuras caricatas, festas e famílias tradicionais, time de futebol, fábrica local, etc., e, por meio do personagem Joel Dubin, partiu de elementos reiterantes de qualquer cidade pequena para satirizá-la com a sua Santa Edwiges dos Aflitos.

O ponto de mudança da história dá-se em uma terça-feira, quando, na editora, o protagonista recebe um envelope branco contendo quatro folhas de um trecho de um livro intitulado “Ariadne”. A letra tremida, a ausência de vírgulas e a florzinha sobre a letra “i”, ao invés do ponto, chamam-lhe a atenção, fazendo atiçar sua curiosidade para o que estava escrito naquelas poucas páginas. Perante uma possível suicida em potencial que teve participação direta em um crime passionai, ele vê naquele texto, não apenas um sucesso editorial, mas também um refúgio que o abrigaria de todas as tempestades da vida e o livraria da escuridão de sua casa e de seu trabalho. O trecho seguinte explicita seu estado emocional ao ler aquele excerto de “Ariadne”:

Não sei explicar o encantamento, o que significa que não sei explicar essa história. Era mais um deslumbramento, no sentido original de uma luz desfazendo sombras. Uma súbita invasão do escuro em que eu vivia. Ariadne invade o meu cérebro junto com a luz que emanava do seu texto. (VERISSIMO, 2009, p.15)

Diferente dos ambientes físicos de Porto Alegre, o espaço psicológico que se forma com a breve apresentação de Ariadne renova seu ser, transformando o que antes era sombra em luz pacificadora. “Mortos-vivos barulhentos mas inocentes”, denominação sumarizada daqueles quatro homens sem destino certo, avivados por uma ficção real ou uma realidade fictícia. Contudo, Ariadne não vem sozinha, ela carrega consigo a cidade de Frondosa e toda a sua peculiar população.

O nome que acarreta tal conversão apresenta uma conotação mitológica passível de ilustrar a trajetória do réptil mergulhado no “lago de lamúrias”, no “pântano sulfuroso”. De acordo com a mitologia grega, Ariadne, filha de Minos, rei de Creta, apaixona-se pelo forte e valente Teseu e ajuda-o a enfrentar o Minotauro no labirinto, dando-lhe uma espada e um novelo de linha a fim de que encontrasse o caminho de volta. Teseu mata o Minotauro, sai do labirinto seguindo o fio de Ariadne e parte com sua amada para a Ilha de Naxos. Lá, ele a abandona adormecida, com o argumento de que Minerva o teria ordenado em sonho, e retorna à sua pátria sem Ariadne.

Uma versão de seu destino é que, desesperando-se por ver-se sozinha na ilha, Ariadne recebe a promessa de Vênus de que ela possuiria um amante imortal em breve. Nesse período, Dionísio a encontra na ilha, consola-a e casa-se com ela, presenteando-lhe com uma coroa de ouro, cravejada de pedras preciosas. Quando Ariadne morre, Dionísio atira tal coroa ao céu, formando, assim, a constelação de Ariadne denominada *Corona Borealis*. Tal versão, mencionada pelo narrador de *Os Espiões*, conduz a história bem como o fio da Ariadne mitológica conduziu Teseu pelo labirinto, pois, envolvido com o suposto drama da moça indefesa de Frondosa, o protagonista adentra em um caminho labiríntico no qual pode encontrar sua salvação.

O mito de Ariadne tem dois desfechos, dependendo da versão. Numa das versões, abandonada na ilha de Naxos por Teseu, ela se mata. Em outra, ela é salva por Dionísio, de quem se torna amante e com quem alcança a felicidade eterna, a felicidade dos deuses. A literatura de Ariadne era um apelo a Dionísio, qualquer Dionísio, inclusive um de meia-idade com cirrose incipiente, para salvá-la do seu passado e mudar o seu destino. Eu precisava ir a Frondosa, como deus ou como editor. Mas não agora, não agora. (VERISSIMO, 2009, p.72)

Em *Os Espiões*, tem-se um caminho labiríntico às avessas, pois, à medida que o protagonista lê o romance de Ariadne, esta o seduz gradativamente e o guia em direção ao interior do labirinto e do protagonista. Movendo-se de sua inércia absoluta, o camaleão no “lago de lamúrias” adquire cor e vida própria e percebe que a luz da coroa de Ariadne ilumina seu espaço exílico, diferenciando-se do fundo. Em busca da segunda versão do mito, ele passa de editor a deus com o intuito de finalizar com a ausência da luz que compunha sua sombra. Na verdade, o labirinto é uma metáfora da mente do personagem que, sutilmente, Verissimo transforma nessa cidade fictícia e nesses seres mitológicos, isto é, quanto mais perto de Frondosa e de Ariadne, também mais profundo em seu labirinto interior.

É nesse clima surrealista e dialético que a trama apresenta-se de modo tão natural quanto uma investigação criminalística. Índícios de ficção e realidade mesclam-se tanto para o personagem-narrador quanto para o leitor do romance de Verissimo, fazendo com que ambos sejam conduzidos por um fio sem destino que, ao invés de desenrolar-se, constitui um novelo cada vez mais emaranhado. As referências ao pintor italiano Giorgio de Chirico completam os elementos utópicos da narrativa, dos quais o narrador apodera-se para revelar a bipolaridade do camaleão.

De Chirico iniciou o movimento da pintura metafísica por volta de 1912 com uma série de oito obras acerca do mito de Ariadne, ilustrando-a em sua solidão e exílio por meio de sombras e construções arquitetônicas. Para o pintor, Ariadne possui um sentido metafórico e, retratando-a, ela proporciona-lhe a catarse de quem sofre no exílio. A admiração do artista pelo mito

representa uma espécie de transfiguração de seu estado emocional durante a época em que ele esteve na França. Assim, retratando Ariadne, ele demonstrava também as saudades da Grécia, onde passou a infância, e o tema universal da solidão e do abandono.

A bipolaridade camaleônica poder/fracasso está intimamente relacionada à referência artística de De Chirico, no que se refere ao estilo surrealista. Ora tem-se o fracasso pessoal e profissional e o exílio psicológico, ora o poder dionisíaco e a salvação proveniente da luz da coroa de Ariadne. Em *Froncosa*, tudo é surreal — “pós-De Chirico”, conforme Dubin —, ou pelo menos o narrador idealiza o ambiente de modo a torná-lo desse modo, pois, como afirma o mesmo personagem em sua primeira estada na cidade, “Acho que aqui ou a gente perde a alma ou vira santo”. (VERISSIMO, 2009, p.49).

Além do camaleão, um elemento pertinente de apreciação na narrativa é a lua. Tanto a obra de Ariadne bem como a sua figura compõem um diálogo com o astro à medida que o personagem-narrador lê o romance que lhe chega em mãos. Em um dos primeiros trechos, o “Amante Secreto” declara que se a lua sorrisse seria parecida com Ariadne, provocando o espanto da mesma que pergunta se tinha “cara de lua”, e ainda mais adiante a escritora em prospecção escreve “A Lua arrasta o mar atrás de si como um crime sombrio” (VERISSIMO, 2009, p.133).

Conforme o *Dicionário de Símbolos* (2009, p.564), a lua denota dependência visto que não possui luz própria, sendo sua aparição um reflexo do sol. Ela também é símbolo do sonho, do devaneio e do inconsciente e, por conseguinte, da vida noturna. Além disso, a lua possui extrema relação ao universo feminino já que simboliza o princípio passivo, a umidade, a imaginação, o psiquismo, a receptividade, a periodicidade, “tudo que é instável, transitório e influenciável, por analogia com seu papel de refletor da luz solar”. Portanto, a lua adquire valor semântico em *Os Espiões* com relação ao papel de Ariadne como escritora e como amada do narrador.

A frustração e a culpa do personagem-narrador são consequências não somente da morte trágica de Ariadne e Fúlvio Edmar, mas também da descoberta de que as frases enigmáticas e inebriantes do romance da moça de Frondosa foram plagiadas de poemas de Sylvia Plath. Assim, Ariadne simboliza a salvação e o amor utópicos, a imaginação e o devaneio de uma cidade pitoresca com elementos interioranos e o reflexo de uma luz exterior. Ela irradia uma luz exuberante e aparentemente própria como a lua e, no entanto, depende diretamente de uma força além que pode revelar lados dela e não sua forma integral. Iluminando o caminho da imaginação e da magia, Ariadne representa o céu noturno onde sua constelação *Corona Borealis*, símbolo do amor eterno de Dionísio, agrega-se à lua imponente, símbolo da ausência de luz própria.

De editor a deus grego, o protagonista transita por espaços e contextos a partir de um enredo enigmático e cíclico, bem como seu ser. Frondosa é a liberdade, o amor, a salvação, a auto-reconciliação, a catarse e enfim a culpa, pois, se não fosse pela florzinha no "i", o fio lançado em suas mãos não teria seguimento. Sendo assim, Ariadne proporciona-lhe simultaneamente o enovelamento da perigosa estrada utópica e o desmembramento desse camaleão em busca de um ambiente luminoso, mesmo que seja de luz alheia.

### **Considerações finais**

Porto Alegre e Frondosa, cidades ligadas por um fio de uma Ariadne que, embora humana, abrange elementos utópicos e mitológicos capazes de inserir um camaleão perfeito em um universo iluminado, porém, perigoso. Iluminado na medida em que as constelações amenizam a obscuridade do Amargo Peniche e perigoso no que se refere à abertura de um caminho imaginário e surreal como as obras de De Chirico. Um nome que expressa exílio e salvação é o fio condutor do leitor de *Os Espiões* e desse personagem-narrador detentor da bipolaridade simbólica do camaleão, isto é, luz e sombra, dia e noite, sucesso e fracasso habitam o herói contemporâneo.

O que parecia uma história de espionagem com desfecho positivo, é, na realidade, uma alegoria do estilhaçamento da sociedade contemporânea que, cada vez mais, busca nos pormenores uma satisfação inatingível. A vitória de Teseu contra o Minotauro, a imortalidade de Dionísio e a luz da coroa de Ariadne transformam-se na ilusão e na camuflagem desse homem comum anônimo e frustrado. Por meio de um discurso bem humorado e sagaz, Veríssimo ilustra a atrapalhada investigação do grupo de amigos de bar, cujo “chefe” é o oposto dos bravos guerreiros mitológicos, e desconstrói a estrutura dos romances de espionagem com planos falidos, homens ébrios e plágios literários.

Portanto, o percurso por espaços geográficos distintos não supre o vazio do espaço interior de um ser desfixado e excêntrico. Residir e trabalhar em Porto Alegre compõe o cenário físico de um espaço impossível de ser descrito, ou seja, a escuridão que Ariadne, despretensiosamente, invade com a florzinha sobre a letra “i”. Ao retornar ao seu estado de “camaleão perfeito”, o editor Agomar Peniche despe-se de sua identidade criada para retornar ao pântano sulfuroso onde se encontram muitos outros anônimos à procura de um fio que os liberte do labirinto, pois, afinal, “isso tudo não é uma ficção?” (VERISSIMO, 2009, p.60).

## Referências

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Trad. David Jardim Júnior. 11 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Os Espiões*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

---

Artigo recebido em 10/02/2011 e publicado em 1/10/2011.